

# APROXIMAÇÕES - ARQUEOLOGIAS E PSICOFISIOLOGIA: FREUD, NIETZSCHE E AS TRANSPOSIÇÕES SOBRE O BEM E MAL-ESTAR NA VIDA DOCENTE<sup>1</sup>

Angela Zamora Cilento \*

**RESUMO:** À luz de algumas ideias de Freud e Nietzsche pretendemos criar algumas transposições que nos ajudam a pensar sobre o bem ou mal-estar docente, ressaltando que estes estados de ânimo não estão dissociados de nossa condição humana, nem apartados das políticas públicas que norteiam as diretrizes da educação e do status do ofício docente em nosso país. Buscamos extrair destes teóricos da cultura algumas ideias-chave: a arqueologia da cidade de Roma realizada por Freud em *O Mal-estar da Civilização* para refletirmos sobre aquilo que nos edifica enquanto docentes. No segundo momento, discorreremos sobre a fisiopsicologia nietzschiana pois a maneira como olhamos para o mundo e para a docência, determinará, em última análise, o nosso bem ou mal-estar. Por fim, ainda resgatando as ideias do pensador alemão em *Assim Falou Zaratustra*, encontraremos algumas fontes de inspiração em busca do nosso bem-estar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia; Fisiopsicologia; bem-estar docente; Freud; Nietzsche.

## APPROCHES – ARCHEOLOGY AND PSYCHOPHYSIOLOGY: FREUD, NIETZSCHE AND THE TRANSPOSITIONS ON GOOD AND DISEASE IN TEACHING LIFE

**ABSTRACT:** In the light of some ideas from Freud and Nietzsche, we intend to create some transpositions that help us think about the well-being or discomfort of teachers, highlighting that these states of mind are not dissociated from our human condition, nor separated from the public policies that guide the guidelines of education and the status of the teaching profession in our country. We seek to extract some key ideas from these cultural theorists: the archeology of the city of Rome carried out by Freud in *The Malaise of Civilization* to reflect on what builds us as teachers. In the second moment, we discuss Nietzsche's physiopsychology because the way we look at the world and teaching will ultimately determine our well-being or discomfort. Finally, still rescuing the ideas of the German thinker in *Thus Spoke Zarathustra*, we will find some sources of inspiration in search of our well-being.

**KEYWORDS:** Archeology; Physiopsychology; teacher well-being; Freud; Nietzsche

<sup>1</sup> Algumas passagens deste artigo foram retiradas da minha tese de doutorado e adaptadas para os objetivos deste trabalho.

\* Profa. do Curso de Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da mesma instituição. Mestre em Filosofia pela PUC-SP. Email: [angelazamoracilento@gmail.com](mailto:angelazamoracilento@gmail.com). Orcid - <https://orcid.org/0000-0003-3968-6065>

## INTRODUÇÃO

Relermos depois de algum tempo, o *Mal-Estar Na Civilização* é como tomarmos um bom vinho: o aroma, o perfume, o teor não se perderam, pelo contrário, foram acentuados e, então, aprendemos a apreciá-lo cada vez mais. Assim, nos propomos a ressaltar algumas temáticas que são ingredientes do clássico de 1929, sem desprezarmos outros pensadores e que nos permitem cotejar algumas transposições para a vida docente. Vida docente que não está apartada do grande mal-estar da civilização contemporânea, não apenas porque o professor é membro integrante desta sociedade civil, mas antes de tudo porque é aguilhoado diariamente pelas mazelas produzidas por ela.

Não pretendemos esgotar toda a obra, optamos por selecionar algumas ideias-chave que nos permitem tecer algumas transposições, sem, contudo, cairmos numa vertente pessimista que possa combalir nossa ‘vontade de potência’. Neste sentido, tanto Nietzsche quanto Freud se inscrevem dentro da tradição como não apenas grandes pensadores, antes seu mérito maior é o de serem grandes teóricos da cultura. Freud estudou sistematicamente Nietzsche por mais de dois anos quando do Círculo de Viena e conheceu boa parte de sua obra. Conceitos como o de ‘mundo subterrâneo’, ‘culpa’, ‘ressentimento’, processos mentais e fisiológicos são correlatos em ambos. Notamos que, para Nietzsche, o sofrimento faz parte da vida e é por seu intermédio que o homem ganhou verticalidade, em parte decorrente do próprio processo civilizatório, tema também abordado pelo pai da psicanálise em várias obras. Em *Mal-estar na Civilização*, Freud identifica três fontes para o sofrimento:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como um acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos faticamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes. (FREUD, 1978, p.141)

O sofrimento, portanto, advém de duas direções das quais temos pouco ou nenhum controle – não podemos lutar contra as forças da natureza, tampouco contra a ação implacável do tempo: condição trágica da vida. Tudo o que existe, perecerá<sup>2</sup>. “Nunca dominaremos completamente a natureza e o nosso organismo corporal, ele mesmo parte dessa natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com limitada capacidade de adaptação e realização.” (FREUD, 1978, p. 148) Destes, não há como nos livrarmos. A terceira direção reside na ideia de que fomos malsucedidos na construção dos regulamentos estabelecidos ao longo da trajetória histórica do ocidente. Estes, segundo o pai da

<sup>2</sup> NIETZSCHE, F. ‘Todas as grandes coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de autossupressão: assim quer a lei da vida, a lei da necessária ‘auto-superação’ que há na essência da vida – é sempre o legislador mesmo que por fim ouve o chamado: ‘patere legem, quam ipse tulisti’ (sofre a lei que tu mesmo propuseste) (GM/GM III, 27)

psicanálise, não representam nem proteção ou benefícios. Portanto, não promoveu a felicidade prometida, nem minorou as dores. Em Nietzsche e Freud, encontramos o primeiro ponto de convergência: na necessidade de firmarem o recuo hipotético para o início da história. Destacamos que, Nietzsche por meio do método genealógico estabelece os meandros entre o passado animal do homem e da instituição de leis arbitrárias para que ele pudesse se tornar “um ser capaz de fazer uma promessa”, isto é, um ser moral, regido pela moralidade dos costumes.

O segundo ponto reside na importância da compreensão da natureza dos instintos e de suas repercussões, compreendendo o homem como um ser orgânico como todos os outros animais. Freud acrescenta em nossa obra de referência - os avanços tecnológicos se colocam como uma grande promessa para o futuro, porém se tornam motivo de grande preocupação e sofrimento, pois o que denominamos hoje de ‘globalização’ provocam mais o afastamento entre as pessoas do que sua aproximação. Qualquer que seja o conceito de civilização que adotemos, segundo Freud, ela foi construída para nos proteger das ameaças de sofrimento.

Ora, então, o que aconteceu? Nem o progresso extraordinário nas ciências naturais aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que os homens poderiam esperar da vida e nem as tecnologias e seus usos, nas mais variadas áreas do conhecimento que, certamente merecem nosso respeito e consideração dadas às contribuições que têm realizado, não pacificaram o coração do homem, nem sua ânsia e ganância. Pelo contrário, o poder bélico, a extração sem precedentes das riquezas naturais, o uso indevido destas mesmas tecnologias para dominar e manipular a vida corroboram com o mal-estar.

Deste modo, “devemos contentar-nos em concluir que o poder sobre a natureza não constitui a única pré-condição da felicidade humana, assim como não é o único objetivo do esforço cultural.” (FREUD, 1978, p.149). Em segundo, que as tecnologias também não aumentam o nosso grau de satisfação:

Gostaríamos de perguntar: não existe, então, nenhum ganho no prazer, nenhum aumento inequívoco no meu sentimento de felicidade, se posso, tantas vezes quantas me agrada, escutar a voz de um filho meu que está morando a milhares de quilômetros de distância, ou saber, no tempo mais breve possível depois de um amigo ter atingido seu destino, que ele conclui incólume a longa e difícil viagem? (...) Se não houvesse ferrovias para abolir as distâncias, meu filho jamais teria deixado sua cidade natal e eu não precisaria do telefone para ouvir a sua voz; se as viagens marítimas transoceânicas não tivessem sido introduzidas, meu amigo não teria partido em sua viagem por mar e eu não precisaria de um telegrama para aliviar minha ansiedade a seu respeito. (FREUD, 1978, p.150)

Os ganhos aparentes da civilização, reitera o autor, não o aproximam de seu filho, nem de seu amigo – a cada nova expansão, foi preciso inventar outras novas formas de comunicação que se consolidaram em várias áreas para que a estrutura do próprio sistema permanecesse. Estas primeiras considerações, em detrimento de outras, poderão nos ajudar nas reflexões que pretendemos estabelecer adiante sobre a vida docente. Em outros termos, a ideia de felicidade prometida pela civilização ou é uma

falácia ou se estabelece como uma nova configuração – agora, associada ao conforto e bem-estar, com a posse de bens, dinheiro e status. Para tanto, ousaremos pensar a questão do bem e mal-estar docente à luz das ideias de Nietzsche e Freud.

## I. APROXIMAÇÕES E ARQUEOLOGIAS

Logo às primeiras páginas de *Mal-Estar Na Civilização*, Freud, então, confessa ao seu leitor que ainda não havia experimentado o “sentimento oceânico” mencionado por seu amigo, Romain Rolland que se refere à ideia de ser “uno com o mundo externo como um todo” (FREUD, 1978, p.132). Tal sentimento foi o principal mote para a escrita desta obra e que esta união ‘mística’ com o todo é uma experiência particular e pontual.

Contudo, o que nos interessa aqui, em primeiro lugar, é a analogia da cidade de Roma com o inconsciente, quando trata dos elos perdidos desta construção – de partes preservadas, intactas e destruídas da cidade e, por inferência, de cada um de nós. Do mesmo modo que o pai da psicanálise atenta para as objeções desta analogia, assim também as tomaremos para as transposições que faremos a seguir. Freud afirma que pode lhe ser questionado o porquê da escolha do passado de uma cidade para fazer a comparação com o passado psíquico. Levanta a objeção de que na vida psíquica, a hipótese da conservação de tudo o que se passou é válida apenas se a condição de que o órgão da psique tenha permanecido intacta, de que seus tecidos não tenham sido afetados por trauma ou inflamação. As interferências destruidoras poderiam ser equiparadas às causas das doenças. Estas não faltam na história de nenhuma cidade, mesmo numa cidade menor que tivesse tido um passado menos conturbado que a de Roma, mesmo que tal cidade nunca houvesse sido devastada por ataques inimigos, ela sofreria substituições e demolições, o que tornaria tal analogia inadequada. Freud, então, se rende a esta objeção, mas argumenta que qualquer outro exemplo, apresentaria as mesmas dificuldades. Insiste que, embora sejamos seres de esquecimento, algo sempre é preservado na vida psíquica.

Tomemos como exemplo a evolução da Cidade Eterna. Os historiadores ensinam que a mais antiga Roma foi a Roma *quadrata*, um povoamento rodeado de cerca no monte Palatino. Seguiu-se então a fase do *Septimontium*, uma federação das colônias sobre os respectivos montes, depois a cidade que foi cercada pelo muro de Sêrvio Túlio, e ainda mais tarde, após todas as transformações do tempo da república e dos primeiros césares, a cidade que o imperador Aureliano encerrou com seus muros. Não acompanharemos mais as mudanças sofridas pela cidade. Perguntemo-nos agora o que um visitante da Roma atual, munido dos mais completos conhecimentos históricos e topográficos, ainda encontraria desses velhos estágios. Excetuando algumas brechas, verá o muro de Aureliano quase intacto. Em certos lugares achará trechos do muro de Sêrvio, trazidos à luz por escavações. Se tiver suficiente informação - mais do que a presente arqueologia -, poderá talvez desenhar, no mapa da cidade, todo o traçado desse muro e o contorno da Roma *quadrata*. Das

construções que um dia ocuparam essa moldura ele achará, quando muito, vestígios, pois elas não mais existem. O melhor conhecimento da Roma republicana lhe permitiria, no máximo, indicar onde se localizavam o templo e os edifícios públicos da época. Nesses lugares há ruínas atualmente, não das construções mesmas, porém, e sim de restaurações de épocas posteriores, feitas após incêndios e destruições. Não é preciso dizer que esses resíduos todos da antiga Roma se acham dispersos no emaranhado de uma metrópole surgida nos últimos séculos, a partir da Renascença<sup>3</sup>. Seguramente, ainda muita coisa antiga se acha enterrada no solo da cidade ou sob as construções modernas. É assim que para nós se preserva o passado, em sítios históricos como Roma. Fazemos agora a fantástica suposição de que Roma não seja uma morada humana, mas uma entidade psíquica com um passado igualmente longo e rico, na qual nada que veio a existir chegou a perecer, na qual, juntamente com a última fase de desenvolvimento, todas as anteriores continuam a viver. Isto significa que em Roma os palácios dos céares e o *Septimonium* de Sétimo Severo ainda se ergueriam sobre o Palatino, que o Castelo de Sant'Angelo ainda mostraria em suas ameias as belas estátuas que o adornavam até a invasão dos godos etc. (FREUD, 1978, p.135)

Ora, do mesmo modo que Freud realiza a analogia da cidade de Roma com a vida psíquica, também nos valeremos dela para tecermos nossas considerações sobre o bem ou mal-estar da vida docente, se conseguirmos nos aproximar da ideia de que nós somos a cidade eterna. Freud aqui estabelece uma série de camadas arqueológicas da cidade que se encontram no subsolo e mesmo coexistem com os edifícios e construções modernas.

Assim, também somos nós: passamos por vários processos de subjetivação ao longo de nossa história – e estes implicam deslocar para o subsolo, esquecer, apagar determinados acontecimentos para seguir em frente. Implica também em restauração, em conservar determinadas parcelas do passado para que a identidade possa ser restabelecida no presente, em consertar aquilo que está quebrado em nós, bem como em escavar e vasculhar aquilo que está ‘perdido’ e em ‘oculto’ para trazer à tona<sup>4</sup>. Neste sentido, em nada somos diferentes da cidade que, apesar do desgaste contínuo, luta para permanecer. Em toda a cidade há pontos de referência, marcos que assinalam sua identidade. Ora, e o que mais assinala a vida de um professor senão o exercício de sua profissão? Os seus anos de atuação? Os seus alunos?

A questão do bem ou mal-estar do professor se encontra em relação direta com o valor e com o significado que ele atribui à sua pessoa e à sua atuação docente. Assim, como em toda cidade há pontos de referência, o professor também os edifica como marcos de sua identidade. Não encontraremos, portanto, uma receita única: são muitas as variáveis. Em Roma, parte da identidade constitutiva da cidade incide na demarcação dos ‘muros de Sêrvio Túlio’ ou os de ‘Aureliano’: para o docente, tais muros são construídos a partir daquilo que denominamos por vocação, à uma escolha de vida feita realizada (mesmo que em meio aos arroubos e paixões da juventude). Para estes, apesar das agruras que insistem em se firmar no dia a dia, há uma centelha que os ilumina e que permite que a noite em sua mais tenebrosa escuridão sejam dissipadas. Porém, estes muros talvez sejam insuficientes para conter as ameaças de invasão – e são tantas ultimamente. Para aqueles que se tornaram docentes, como a última opção de

---

<sup>4</sup> Como veremos a seguir, em Nietzsche teremos a definição de força plástica.

carreira e não se deixaram apaixonar pela docência, a fragilidade destes muros é iminente e o adoecimento, questão de tempo.

Estes muros também têm um efeito protetor: para o docente que crê verdadeiramente que, com a sua presença pode interferir significativamente na vida de alguém, é bem mais feliz, porque ao voltar seus olhos para o passado, olha para sua própria história e dela se orgulha e a respeita. Ao potencializar a vida de seus alunos, o professor, ao fim e ao cabo, tornou sua própria existência mais bela – o que poderíamos chamar de ‘estética da existência’. O reconhecimento da importância de seu trabalho para si mesmo e para a comunidade, o sentimento de grata satisfação ao ver o encaminhamento dos alunos que ele ajudou a formar são edificações sólidas na vida de um docente.

Não se trata apenas que cada um pode suportar com as condições de trabalho que dispõe, mas de amar aquilo que faz e de encontrar um sentido para sua existência. Certamente, não podemos desconsiderar que, em um país de dimensões continentais, com realidades completamente distintas, estes marcos de referência podem não ser suficientes para o bem-estar do docente, bem como não podemos dissociar seu ofício da complexa trama socioeconômica - sua e a de seus alunos -, dos matizes culturais e todo o conjunto de fatores pertinentes à esfera política que abalam e estremecem toda a comunidade.

Como vimos anteriormente, para Freud, o problema reside na ideia de que fomos malsucedidos na construção dos regulamentos estabelecidos pois não representam proteção e benefício para a sociedade. Estes abrangem também as políticas públicas que deveriam promover o bem-estar do professor. Infelizmente, a educação deixou de ser um valor para se tornar um segmento lucrativo de mercado: o sucateamento das escolas públicas, o crescimento das redes particulares voltados apenas ao ganho de capital são fatores que não podem ser desconsiderados.

No cenário nacional, a Reforma do Ensino Médio, as diretrizes atuais, as condições salariais, a carga horária excessiva, a sensação de impotência para revertermos as condições atuais e o desprestígio social são fatores que não podem ser descartados e impactam diretamente os marcos de referência da construção de nossa subjetividade. Sem deixarmos de mencionar a apatia e a falta de interesse dos alunos e mesmo a agressividade que se manifesta verbal ou fisicamente.

Dentro desta perspectiva, a analogia nos permite mais uma menção. Retomemos a passagem: “Nesses lugares há ruínas atualmente, não das construções mesmas, porém, e sim de **restaurações** de épocas posteriores, feitas após incêndios e destruições.” Não podemos deixar de pensar no tempo presente – são tantas exigências! Somos ‘convidados’ perpetuamente à atualização, a alcançar maior graduação, à produtividade em meio à uma carga horária extenuante. Mesmo com baixos salários, nos esforçamos para não sermos arruinados em meio à ferocidade destes tempos. Em sala de aula, somos também ‘convidados’ ao uso das metodologias ativas, no emprego das novas tecnologias, no uso de jogos, como se estes não fossem mais um entre os vários recursos possíveis, mas como a única alternativa para

a aprendizagem. Para muitos, estes convites se tornam uma coerção irremediável: o próprio modo de ser do professor pode ser arruinado, tornando a docência um trabalho mecânico e repetitivo – um fardo. O professor, deve, portanto, adotar em sua medida o que lhe for conveniente e aprazível, para que possa ser restaurado, com a finalidade de preservar o que há de bom e criativo.

Nossa intenção foi até o presente momento, foi a de criarmos uma relação de semelhança entre a arqueologia da cidade com as várias camadas que compõem a nossa identidade enquanto docentes. Certamente, nas páginas que se sucedem na obra, Freud discorre sobre outros temas que também poderiam ser abordados aqui. Um deles, o do amor, será mencionado mais adiante.

## II. OS INSTINTOS, FIOLOGIA E PSICOFIOLOGIA

Na introdução, afirmamos que Nietzsche e Freud devem ser entendidos como teóricos da cultura. Em ambos, encontraremos a passagem do homem enquanto um ser orgânico para um ser de cultura e do quanto isso lhe custou. Um outro ponto relevante para as nossas considerações, é que o homem é composto por reflexos e instintos, não apenas os primários, antes incorporam os instintos de agressividade, crueldade e sexualidade, como constituintes do orgânico do homem. Ora, a cultura, portanto, só existe em função da repressão dos instintos - e é exatamente esse processo que permitiu que o homem ganhasse 'profundidade' e o retirou de sua mera condição biológica.

Nietzsche parte de uma concepção de natureza que em todos os seres vivos não querem apenas se conservar, mas procuraram tornar-se mais, expandindo-se o quanto podem. Diferentemente de outros pensadores e teóricos da biologia, Nietzsche enfatiza que se a vida é vontade de poder, a conservação se torna secundária. Não se trata de prescindir dela, ela é necessária, mas esta não é a tendência principal. A conservação tem um valor secundário na economia orgânica. O que se coloca em jogo aqui é a supremacia que estes teóricos dão ao instinto de conservação. “o aspecto global da vida, escreve o pensador em *Crepúsculo dos Ídolos*, (...) não é o estado de necessidade, a situação de fome, mas antes a riqueza, a abundância, até mesmo a dilatação absurda – onde se luta, luta-se pelo poder.” (ASSOUN apud Nietzsche, 1991, p.153). Em última instância, a vida pode ser depreendida pelo adiamento ao estado inorgânico, o quanto puder.

Em Assoun e Giacóia encontramos alguns paralelos entre Nietzsche e Freud que nos auxiliarão a enfrentar esta questão. Não temos a menor pretensão de discorrermos em detalhes sobre a psicologia freudiana, pois foge ao escopo do nosso trabalho. Para nossos fins, tomamos de empréstimo as relações entre orgânico e inorgânico à luz dos comentadores mencionados, com a finalidade de as compreendermos melhor em Nietzsche<sup>5</sup>. Assoun nos explica que a partir de 1920, Freud reformula a

---

<sup>5</sup> Encontramos uma longa passagem em *O Mal-Estar na Civilização* que corrobora com toda a discussão que acabamos de

teoria do dualismo pulsional quando da introdução de duas pulsões antagonicas, as pulsões de vida (Éros) e a pulsão de morte (Tanatos). Enfatiza a ideia de que neste período, Freud categoriza o instinto de conservação como parte integrante do Éros, de modo a manter unidas e coesas as partes da substância viva, evitando, desta forma, a morte.

Por seu turno, Giacóia estuda meteticulosamente o livro de Freud – *Para Além Do Princípio De Prazer*, realça que ‘o pai da psicanálise’ foi leitor de Nietzsche. Ambos tiveram como ponto de partida os estudos sobre biologia. Este estudo comparativo nos permite entrever algumas pistas para ressaltarmos a importância do inorgânico. Se para Freud, toda pulsão apresenta um caráter regressivo, significa que a tendência de todo o ser vivo é ser para a morte, que vem a sobrepujar a pulsão de vida – Éros. “Se a natureza regressiva da pulsão remete a uma tendência a restaurar o grau zero de excitação, então seu ponto fulcral seria o retorno ao inorgânico, ou seja, a morte – sendo esta, pois, o elo mais recuado e originário da vida orgânica.” (GIACÓIA, 2008, p.66).

Ora, se Éros é uma pulsão que investe toda a sua força em agregar unidades mais amplas e impele os homens a seguirem em frente, por quê a prevalência da pulsão de morte – Tanatos?

Os impulsos de autoconservação asseguram, em verdade, que todo o organismo vivo se defenda das ameaças externas de destruição, com o propósito último de morrer sua própria morte, de lutar com todas as suas forças para assegurar ao máximo sua existência.

O que o professor Giacóia reitera aqui é que cada organismo, para Freud, lutará com todas as suas forças para se proteger dos ataques exteriores, a fim de que ele possa morrer, perecendo por si

---

iniciar. “Um estudo aprofundado dos instintos nos dará o que necessitamos, creio. Os instintos não governam apenas a vida psíquica, mas também a vegetativa, e esses instintos orgânicos mostram uma característica que merece o nosso vivo interesse. Somente mais tarde poderemos julgar se é uma característica geral dos instintos. Eles se revelam como empenho de restaurar um estado anterior. Podemos supor que a partir do momento em que tal estado, uma vez atingido, é perturbado, surge um impulso [*Trieb*] para recriá-lo, produzindo fenômenos que podemos designar de compulsão de repetição. Assim, a embriologia seria toda ela compulsão de repetição; uma capacidade de formar novamente órgãos perdidos se estende bastante pelo reino animal, e o instinto de cura - ao qual, juntamente com o auxílio terapêutico, devemos nossas recuperações - poderia ser vestígio dessa faculdade (...) Se é verdadeiro que - em tempos imemoriais e de modo inconcebível - a vida se originou de matéria inanimada, então, segundo nossa premissa, deve ter surgido naquele momento um instinto que procura abolir a vida, restaurar o estado inorgânico. Se reconhecemos nesse instinto a autodestruição da nossa hipótese, podemos vê-la como expressão de um instinto de morte que não pode estar ausente em nenhum processo vital. Agora os instintos em que acreditamos se dividem nos dois grupos que são: o dos eróticos, que buscam aglomerar substância viva em unidades cada vez maiores, e dos instintos de morte, que contrariam esse esforço e reconduzem o elemento vivo ao estado inorgânico. Da atividade conjunta e oposta dos dois procedem os fenômenos vitais a que a morte põe fim. Vocês dirão talvez, encolhendo os ombros: ‘Isto não é ciência natural, é filosofia schopenhaueriana’. Mas por que, senhoras e senhores, um pensador ousado não teria adivinhado o que depois é confirmado pela sóbria e laboriosa pesquisa de detalhes? Além do mais, tudo já foi dito alguma vez, e antes de Schopenhauer houve muitos que disseram coisas semelhantes. E o que dizemos não é exatamente Schopenhauer. Não afirmamos que a morte é o único objetivo da vida; não deixamos de ver, junto à morte, a vida. Reconhecemos dois instintos fundamentais e admitimos para cada um, sua própria meta. Como os dois se mesclam no processo da vida, como o instinto de morte é levado a servir aos propósitos de Eros, sobretudo no seu voltar-se para fora como agressão, são tarefas deixadas para a pesquisa futura. Chegamos apenas até o ponto em que tal panorama se abre à nossa frente. Se o caráter conservador é próprio de todos os instintos sem exceção, se também os instintos eróticos querem restabelecer um estado anterior, quando tendem à síntese do que é vivo em unidades sempre maiores - também essa questão teremos que deixar sem resposta.” (FREUD, 1978, p. 255\258)

mesmo, atingindo o ponto zero de excitação, de modo a retornar ao inanimado – o princípio do ‘Nirvana’ – de dissolução de si. Estas ideias que formam o referencial teórico da metapsicologia freudiana se dispõem ao encontro da filosofia de Schopenhauer. - Mas o que significam estas pulsões (*Triebhafte*)?

Dentro da análise dos casos clínicos e da metapsicologia, Freud especula sobre a ligação entre a vida orgânica e a formação do aparelho psíquico, do inorgânico ao orgânico que se concentra justamente neste traço regressivo compulsório, de modo que “o pulsional é a regressão a um estado anterior do desenvolvimento do organismo (portanto, toda pulsão é repetição coercitiva).” (GIACÓIA, 2008, p.49).

Toda pulsão impele o organismo ao retorno ao inorgânico, à inércia primordial. No caso do aparelho psíquico, Freud explica que ele precisa desenvolver camadas de proteção para não ser destruído pelo excesso de estímulos externos. Os órgãos dos sentidos evitam que o organismo seja transtornado, constituindo filtros de proteção. Entretanto, o aparelho psíquico não possui uma camada de proteção quando parte do ‘próprio soma’, ficando sujeito ao desprazer e ao sofrimento, o que provoca o aparecimento de distúrbios. E aqui encontramos na pulsão, a repetição como uma forma de retornar a este estado originário, o inorgânico

No âmbito do orgânico se encontram presentes as relações entre instintos, afecções e afetos que acontecem no corpo e no encontro com outros corpos. As afecções estão relacionadas ao encadeamento fisiológico no corpo, desenvolvendo, por vezes, sintomas e reações psicossomáticas. Os afetos são os sentimentos provocados por estas afecções.

Tanto em Freud como em Nietzsche, encontraremos estes elementos ligados aos instintos, de modo que eles não podem ser extirpados, pois derivam da constituição do homem enquanto seres orgânicos. Podem apenas serem ‘jardinados’.

A crueldade e a agressividade podiam exteriorizadas quando o homem não se encontrava cerceado pela repressão da cultura. Nietzsche os chama de ‘instintos de liberdade’, posto que não havia nem lei nem regras para inibi-los. Com o início do processo civilizatório, estes encontram seus mecanismos de descarga na figura do infrator, nas festas e suplícios – quando ainda não se envergonhavam destes instintos nos primórdios e na antiguidade. Com o tempo, com a instauração da noção de culpa, o homem passou a se envergonhar destes instintos, separando-se de seu passado animal o que lhe provoca grande dor e sofrimento, posto que teve que interiorizá-los. Surge então, a má-consciência – sente remorso por sentir o que sente. Ora, se a agressividade, a sexualidade e a crueldade são tidas como instintos, a melhor saída para o bem-estar do professor

Estas considerações pretendem reforçar três ideias. A primeira é que os instintos fazem parte da constituição orgânica do homem, o que significa que os instintos não podem ser ‘extirpados’, apenas jardinados. Em outras palavras, não podemos não sentir o que sentimos, mas podemos aprender a

trabalhar com eles. Em segundo lugar, o que reina no mundo fenomênico é profusão de uma natureza que não se revela limitada e escassa. Em cada célula vivente impera uma vontade de ser mais, de expandir-se o quanto pode – vontade de potência em Nietzsche. Por fim, vimos até agora que, o organismo vai lutar o quanto puder para adiar a morte, mas quando está desprotegido – quando seu próprio soma é a fonte de sofrimento, sofrerá distúrbios.

Deste modo, à luz destas ideias, podemos compreender que a grande preocupação destes pensadores consiste em averiguar o que determina o estado de saúde de um homem, de uma cidade ou de uma cultura que devem ser pautados em sua condição fisiológica.

Nos estudos nietzschianos, cada pessoa é capaz de suportar ou não, superar ou não, esquecer ou não, certos acontecimentos. O que para alguns, determinada poção, serve como remédio, para outros, é um veneno; o que certo acontecimento provoca em um, não necessariamente atinge o outro na mesma dimensão e proporção.

Portanto, é preciso que cada um conheça a sua força plástica: “seria necessário conhecer a medida exata da força plástica de um homem, de uma nação, de uma civilização, quer dizer, a faculdade de crescer por si mesmo, de transformar e de assimilar o passado e o heterogêneo, de cicatrizar suas feridas, de reparar as suas perdas, de reconstruir formas destruídas.”<sup>6</sup> (NIETZSCHE, 1970, p.108).

Esta força plástica, posteriormente, estará em estreita relação com o conceito de vontade de potência. A faculdade de esquecer e de se reconstruir, se tornará um dos traços do perfil psicológico do Senhor quando dos escritos de maturidade. O Escravo, ao contrário do Senhor, é incapaz de esquecer e se ressentente com a vida pelo fato de ser o que é – caótica e imprevisível. O ressentimento é uma mágoa, uma ferida que não se cura. O Senhor seria aquele que é forte o suficiente para enfrentar as vicissitudes da vida, pois sua condição fisiológica assim lhe permite.

Ora, para Nietzsche, há valores que intensificam o desejo de vida e são afirmadores – homens que compreendem a vida enquanto gratuidade, como os gregos. A vida é um presente, deve ser vivida intensamente, o que inclui todas as nuances entre a dor mais profunda e a alegria mais alegre. O que importa é estar vivo, é poder sentir a tremulação do nosso barco em plena tempestade e poder se alegrar por poder sentir seu balanço. É aprender a apreciar a água salgada que vem com as altas ondas, bem como o palpitar do coração acelerado diante das emoções. O importante é estar vivo. Este é o Senhor – perfil psicológico traçado por Nietzsche à luz dos gregos e de outros povos guerreiros, corajosos e ousados, que preferiam morrer a ter uma vida medíocre e insossa. No entanto, nem todos compreendem a vida deste modo e passam a interpretá-la como expiação: este mundo é uma ilusão, uma passagem, uma

---

<sup>6</sup> NIETZSCHE, F. HL\Co.Ext.II,1. Posteriormente, Nietzsche vai se valer destas considerações da 2ª Extemporânea para pensar o perfil do Senhor e do Escravo e de suas respectivas condições fisiológicas.

cópia imperfeita do ‘mundo verdadeiro’, o que implicou na depreciação deste mundo e desta vida, dando origem ao perfil do Escravo. Este perfil, aos olhos do pensador alemão, se tornou vitorioso ao longo da história da cultura ocidental. De modo astucioso o escravo transvalorou os ideais gregos, invertendo-os ao seu favor. Mas apenas isto não basta, sua impotência para viver a vida daquela maneira, por ser fraco, não age, apenas reage. Ressente-se: tudo o ofende, a vida torna-se um mar de mágoas acumuladas.

Desta forma, Nietzsche elabora uma psicofisiologia – que passa a ser um instrumento de análise dos sintomas de saúde ou de doença no corpo coletivo ou individual, isto é, as forças vitais de um homem (ou de uma cultura) estão em relação direta com seu modo de ser e de encarar a vida. A psicofisiologia é uma fusão dos elementos da biologia e da psicologia, revela a ‘filosofia’ que subsidia e que está por detrás do agir, do pensar e da saúde de cada um, (CILENTO, 2022)

O psicólogo sabe pouco de questões mais atraentes que as das relações existentes entre a saúde e a filosofia, e quando ele próprio adocece, dedica ao seu mal toda a sua curiosidade científica. Porque cada um de nós possui necessariamente a filosofia de sua pessoa – supondo que exista alguma – mas os casos são muito diferentes, num caso são as faltas que vemos filosofar, no outro as riquezas e as forças. O primeiro, precisa da sua filosofia como apoio, sedativo, remédio, ou ainda para se libertar, para se construir, para se esquecer; no segundo, não passa de um luxo, no melhor caso a volúpia de um reconhecimento triunfal que acaba por sentir a necessidade irresistível de se inscrever em maiúsculas cómicas no céu das ideias. Mas no outro caso, mais corrente, quando são as misérias que filosofam, como em todos os pensadores doentes – e são eles que formam talvez uma maioria da história da filosofia – em que é que se transforma o próprio pensamento sob a pressão da doença?<sup>7</sup> (NIETZSCHE, 1987, p.9)

Ora, - poderiam nos perguntar – por quê, então, estamos tratando deste assunto e quais as relações com o mal-estar docente? Ao enfatizarmos que Nietzsche compreende a natureza como algo exuberante e que toda a célula orgânica não pretende apenas se conservar, mas pretende ser-mais, expandindo-se o quanto pode, não poderíamos nos perguntar, se realmente estamos exponenciando nossa vontade de potência ou se estamos apenas acionando o modo de sobrevivência? Sabemos, todavia, que as condições atuais não são muito favoráveis. Mas, a conservação não é a garantia de saúde, se organicamente, cada célula do nosso corpo, procura expandir-se. Esta resposta que é única e particular suscitará, muitas reflexões.

Em segundo lugar, se o que atua no mundo são as forças eróticas<sup>8</sup>, estamos a serviço delas, deixando fruir este amor e empatia no nosso dia a dia?

---

<sup>7</sup> NIETZSCHE, F. GC, Prefácio, 2.

<sup>8</sup> FREUD, S. “O amor que fundou a família continua a operar na civilização, tanto em sua forma original, em que não renuncia à satisfação sexual direta, quanto em forma modificada como afeição inibida em sua finalidade. Continua a reunir as pessoas de modo intensivo. (...) O amor plenamente sensual e o amor inibido em sua finalidade – estendem-se exteriormente à família e criam novos vínculos com pessoas anteriormente estranhas. O amor genital conduz à formação de novas famílias e o amor inibido em sua finalidade, a ‘amizades’ que se tornam valiosas de um ponto de vista cultural, por fugirem a algumas das limitações do amor genital, como por exemplo, à sua exclusividade.” (FREUD, 1978, p.161)

Um outro ponto que podemos referendar é sobre a proteção do nosso próprio soma (do nosso próprio corpo), estamos nos dedicando a ficar um pouco a sós conosco mesmos ou estamos sendo movidos por esta infindável rotina que nos desgasta? Para tanto, temos que recorrer a psicofisiologia – será que o nosso modo de olharmos para a nossa profissão docente e para a vida em geral, aumenta ou diminui nossa vontade de viver?

A filosofia de nossa própria pessoa revela a nossa condição fisiológica, mas podemos intensificar a nossa vontade de potência – um dos caminhos será a desconstrução dos valores utilitaristas e das propagandas enganosas a respeito da felicidade. Outras sugestões serão apontadas a seguir.

### 3. EM BUSCA DE NOSSA SAÚDE E BEM-ESTAR<sup>9</sup>

Ao pensarmos sobre o bem e mal-estar na vida docente, não pudemos nos furtar a retomar algumas considerações feitas pelo pensador alemão em *Assim Falou Zaratustra*, que podem ser tomadas como uma fonte de inspiração para as nossas vidas em um âmbito geral.

No capítulo, ‘*O convaléscente*’ lemos que Zaratustra “desabou como morto e ficou como morto durante muito tempo<sup>10</sup>.” (NIETZSCHE, 1988b, p.244). Seus animais não saíram de perto dele e após sete dias, conseguiu se levantar. Neste meio tempo, a águia saía em busca de alimentos e os depositava a seus pés. Então, seus animais lhes disseram:

Ó Zaratustra (...) sai da tua caverna. O mundo aguarda-te como um vergel. O vento brinca com fortes perfumes que querem vir ao teu encontro. E todos os regatos desejam seguir o teu caminho. Todas as coisas suspiram por ti. (...) Sai da tua caverna. Todas as coisas querem ser teus médicos<sup>11</sup>. (NIETZSCHE, 1988b, p.244)

Nesta passagem, os animais convocam Zaratustra a provar da alegria de estar vivo e não só – a própria terra e aquilo que ela oferece, cura. Ora, isto implica em reaprendermos a contemplar a beleza inefável e superabundante daquilo que não tem preço, nos suscita a nos reencantarmos com a vida com gratidão.

Sai! Vai ver as rosas, as abelhas, os voos dos pombos! Mas sobretudo as aves que cantam, a fim de que te ensinem a cantar! Porque cantar convém a um convaléscente; ao homem de boa saúde cabe falar. (...) Canta, distrai-te, ó Zaratustra, cura a tua alma com esses cantos novos<sup>12</sup>. (NIETZSCHE, 1988b, p.248\249).

---

<sup>9</sup> A terceira parte deste artigo é parte adaptada da minha tese de doutorado. (CILENTO, 2022)

<sup>10</sup> NIETZSCHE, F. III Z, O Convaléscente, 2

<sup>11</sup> NIETZSCHE, F. III Z, O Convaléscente, 2

<sup>12</sup> NIETZSCHE, F. III Z, Da grande nostalgia

Em seguida, nos ensina a ‘aprender a cantar’ – que a nossa alma possa entoar cânticos novos, repletos de força e de afirmação, que possam expressar aquilo que inunda o coração. O canto enquanto uma das formas de arte, promove a alegria de viver, posto que intensifica o aumento do sentimento de potência.

No capítulo seguinte do livro em ‘*Da grande nostalgia*’, podemos extrair entre tantas coisas, um segredo: para ser feliz e ter alegria é preciso aprender a dizer ‘Não’: “Ó minha alma, dei-te o direito de dizer não como a tempestade, de dizer sim como o céu límpido; tranquilo como a luz, atravessas tempestades negadoras.<sup>13</sup>” (NIETZSCHE, 1988b, p. 251).

Para tanto, é preciso nos aplicarmos no exercício contínuo que nos leva à transmutação do espírito. Precisaremos, mais uma vez retomar Zaratustra, pois ele é o conhecedor do segredo do eterno retorno e de seu caráter seletivo:

Mas esta rede de causas nas quais me enredei voltara, tornará a criar-me outra vez. Eu próprio faço parte das causas do eterno retorno. Regressarei com este sol, com esta terra, com esta águia, com esta serpente – não para uma vida nova, uma vida melhor, nem para uma vida parecida; regressarei eternamente para esta idêntica vida com todas as suas grandezas e todas as suas misérias para voltar a ensinar o regresso eterno de todas as coisas, para voltar a anunciar o grande Meio-Dia<sup>14</sup>. (NIETZSCHE, 1988b, p. 250)

Ora, para poder querer regressar novamente e viver a vida com tudo o que ela tem, sem se afundar no ‘eterno-retorno do mesmo’ e de seu impregnante niilismo, cabe ao homem, vivê-la de modo a aprender a dizer ‘Sim’ a tudo, criar a partir de si mesmo uma trajetória pela qual possa ansiar e desejar esta volta, torna-se artífice de si mesmo: um artista que esculpe sua vida de tal modo a poder orgulhar-se dela. Eis aqui a verdadeira alegria.

Neste sentido, a alegria é mais profunda que a dor, posto que almeja a eternidade de cada instante, porque é único e precioso, mesmo os mais difíceis. A posse deste segredo nos permite combater o niilismo que nos apregoa um cansaço para com a vida que sussurra em nossos ouvidos que “morreu o prazer todo, o vinho mudou-se em fel, as taças tornaram-se insulsas<sup>15</sup>.” (NIETZSCHE, 1988b, p.359).

A alegria conhece a dor, assim como o convalescente conhece a doença. A alegria só pode ser vivenciada por aquele que sabe que a vida é: a alternância dos opostos. “Toda a alegria quer a eternidade de todas as coisas, quer o mel, quer o fel, quer a embriaguez da meia-noite, quer as sepulturas, quer a

---

<sup>13</sup> NIETZSCHE, F. III Z, *Da grande nostalgia*

<sup>14</sup> NIETZSCHE, F. III Z, *O convalescente*, 2.

<sup>15</sup> NIETZSCHE, F. IV Z, *O canto da embriaguez*, 5.

consolação das lágrimas fúnebres, quer o esplendor dourado do poente.<sup>16</sup>” (NIETZSCHE, 1988b, p. 363).

Só é possível ser feliz quando se ama a vida – do jeito que ela é – esta é a sua riqueza e sua dádiva. Esta é a fórmula e o remédio que combate o ressentimento, o niilismo, completamente antagônica ao perfil do ‘último-homem’. É o amor fati. Ora, se a vida é o critério do qual derivam todos os valores e como não há nada maior que a vida, ela deve ser o objeto do nosso amor. E como não amá-la?

Para tanto, é preciso ser criança, que sorri para a vida, completamente encantada com tudo o que vê, que brinca nas valas do presente, sem as mágoas purulentas que será uma das marcas do ressentido.

A vida não deve ser apenas suportada, o ‘amor ao destino’ exige que cada momento seja amado, e em nada querer diferente, seja no passado ou no futuro. O amor-fati se expressa com um terrível e abismal ‘Sim’ à vida. Esta afirmação é que proporciona alegria que se basta a si mesma, plena e prenhe de presente, pois cada instante é vivido de modo afirmativo, como a criança que vive o presente, sem grandes angústias e expectativas e temores que a impeçam de brincar. A alegria quer o agora, porque se dá, porque acontece e preconiza o desejo de sua eternidade no tempo e de sua eterna repetição. “porque se o mal é profundo, mais profunda é a alegria.”<sup>17</sup>”(NIETZSCHE, 1988b, p.361).

A filosofia de Nietzsche é um convite para que nos apropriemos de suas ideias: o prazer de estar vivo e realmente sentir gratidão e alegria por mais um dia de vida serve como um combustível para lidarmos com todas as áreas de nossa vida. A segunda fonte de inspiração é o canto, mas todas as formas de arte são igualmente válidas e potencializadoras de nossa vontade de potência. Nietzsche nos convida a vivermos a vida de modo que, se tivéssemos que regressar, diríamos “Sim” a tudo e que faríamos tudo de novo. Isto incide na apreensão de que devemos viver cada dia de modo que nos sentiríamos felizes se ele voltasse – amor fati! Isto implica também em aprender quando dizer “Não” quando for necessário.

Nos ensina, como um grande professor, que esta construção de si que se efetiva a cada dia, pode nos trazer orgulho de nossa história. É este olhar para a condução do que fazemos hoje e do que já fizemos deve nos trazer alegria: como docentes, devemos edificar os nossos muros – nos lembrando constantemente de quem somos, do quanto deixamos marcas indelévels em nossos alunos com nosso amor, empatia, compaixão, o quanto os influenciemos em suas escolhas e o quanto servimos de modelo para suas vidas. Nietzsche nos ensina a não nos ressentirmos com a vida pelo fato de ser o que ela é – caótica e imprevisível, onde nada dura para sempre, preservando nosso coração do ressentimento que faz tanto mal.

---

<sup>16</sup> NIETZSCHE, F. IV Z, O canto da embriaguez, 11

<sup>17</sup> NIETZSCHE, F. IV Z, o canto da embriaguez, 8.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante da proposta deste dossiê que busca averiguar sobre o bem ou mal-estar docente, buscamos respaldo em dois grandes teóricos da cultura. Nietzsche e Freud. Inicialmente discorreremos sobre as três grandes formas do sofrimento, a saber – as forças da natureza, o tempo e a própria estrutura social e dos avanços da ciência e da tecnologia como uma tentativa de minorá-los. Na primeira parte, nos valem da arqueologia da cidade de Roma e procuramos criar algumas analogias com a vida docente, detendo-nos em uma das passagens de *O Mal-estar da Civilização*.

Procuramos enfatizar ao longo da segunda parte, a teoria dos instintos em Nietzsche e em Freud. Discorreremos sobre a relação entre vida e vontade de potência como fatores que nos levarão à elaboração dos perfis psicológicos do Senhor e do Escravo e ao conceito de psicofisiologia para, então, realizarmos alguns questionamentos a respeito de nossa saúde como professores.

Por fim, convidamos o nosso leitor a se inspirar na obra de Nietzsche, que Nietzsche por meio de seu personagem Zaratustra nos oferece, nos ensinando a viver.

O bem-estar decorre da nossa habilidade em preservarmos nossos marcos de referência e de restaurarmos aquilo que se desgastou com o tempo. Também não podemos prescindir do nosso valor e do valor de nosso ofício que exige conhecimento, amor e empatia, mas acima de tudo, gratidão. Que possamos ser corajosos para enfrentarmos as vicissitudes da vida, sem recairmos no niilismo ou nas profundezas do ressentimento. Tais disposições refletem uma psicofisiologia nobre, forte e afirmadora da vida. Deste modo, ao tomarmos as rédeas de nossa história, poderemos dizer ‘Sim’ à vida com alegria, amando-a, mesmo em meio ao sofrimento.

## REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul Laurent. **Nietzsche e Freud. Semelhanças e Dessemelhanças**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CILENTO, Angela Zamora. **Educar para o Caos: História, Cultura, Arte e Política em e para além de Nietzsche**. Tese de Doutorado no Programa de Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2022.

FREUD, Sigmund. **Mal-Estar Na Civilização**. São Paulo: Abril Cultural. Col. Os Pensadores, 1979.

GIACÓIA, Oswaldo. O Grande Experimento: Sobre A Oposição Entre Eticidade (Sittlichkeit) E Autonomia Em Nietzsche. **Revista Transformação. São Paulo: Unesp, 1988.** p. 97-132. Disponível também em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v12/v12a08.pdf>. acesso em maio\23

GIACÓIA, Oswaldo. **Nietzsche.** São Paulo: Publifolha, 2000.

GIACÓIA, Oswaldo. **Nietzsche como Psicólogo.** São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2004.

GIACÓIA, Oswaldo. **Além do Princípio do Prazer.** Um dualismo incontornável. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Coleção Para Ler Freud.

NIETZSCHE, Friedrich. **Gaia Ciência.** Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral.** São Paulo: Brasiliense, 1988a.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para Além de Bem e Mal.** São Paulo: Cia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra.** Lisboa: Guimarães Editores, 1988b.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Vontade Dionisíaca do Mundo.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. 2. Extemporânea. **Da Utilidade e dos Inconvenientes da História para a Vida.** Porto: Editorial Presença, 1976. Col. Síntese.

*Recebido em: 28 de fevereiro de 2024.*

*Aprovado em: 04 de maio de 2024.*